

## **As representações obscuras. Lições de Antropologia de Immanuel Kant**

### *Obscure representations. Immanuel Kant's Lectures on Anthropology*

FERNANDO M. F. SILVA\*

Universidade de Lisboa, Centro de Filosofia, Portugal

#### PALAVRA INTRODUTÓRIA

Os seguintes textos, três em número, consistem na tradução para língua portuguesa de outras tantas lições de antropologia de Immanuel Kant – uma delas, «3º Capítulo. Das representações» (AA, 25.2: 1221-1224), aqui traduzida na íntegra, e as restantes duas, «Das representações obscuras da alma» (AA, 25.1: 479-482) e «Das representações obscuras, das quais não se está consciente» (AA 25.2: 867-871), aqui traduzidas apenas parcialmente.

Sobre o muito importante, mas também muito negligenciado tema das *representações obscuras* em Kant – ele que é, antes de mais, um tema de época, abordado não só por Kant, mas por vários outros autores seus contemporâneos –, nada se dirá aqui a não ser que, no caso específico de Kant, ele é representativo de um período fulcral no pensamento do filósofo, bem como, e por essa mesma razão, do espírito que preside às suas Lições de Antropologia. Sobre o mesmo, e sobre o lugar de relevo que Kant lhe reserva no seu estudo do homem, terá o tradutor oportunidade de se debruçar num dos próximos números desta mesma revista. Aqui, cumpre acrescer apenas que os seguintes textos respeitam, tanto quanto possível, o original alemão, tanto com respeito a aspectos formais (italicizações, pontuação, disposição esquemática dos próprios textos), como com

---

\* Pesquisador Post-doc, com bolsa da FCT, no Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. E-mail de contato: [frndsilva@portugalmail.pt](mailto:frndsilva@portugalmail.pt)

respeito a aspectos de conteúdo (estrangeirismos, numeração), reservando-se o tradutor a liberdade de quebrar estas mesmas regras fundamentais sempre que o contrário ameace a boa compreensão do texto. A isto acresce que, sempre que a complexidade da palavra alemã assim o justifica, a mesma é incluída imediatamente à frente da sua tradução portuguesa, entre parênteses rectos. A fim de um melhor, e sempre necessário acompanhamento das peças portuguesas pelas alemãs, faz-se incluir nos seguintes textos a sua numeração original na *Akademie Ausgabe*, também entre parênteses rectos.

O tradutor.

## I.

### «DAS REPRESENTAÇÕES OBSCURAS DA ALMA»

**Immanuel KANT**

*Lições de Antropologia Friedländer. 1775/76*

[AA, 25.1: 479-482]

[479] As representações obscuras contêm a mola secreta daquilo que ocorre na claridade, e por isso temos de as considerar. Representações obscuras são aquelas de que não se está consciente. Assim, onde se pode *observá-las*? Imediatamente não [podemos], mas eu posso deduzir que existem em mim representações de que não estou consciente; por exemplo, eu vejo a Via Láctea como uma faixa branca, e mediante o telescópio vejo um conjunto de estrelas. Justamente estas estrelas, vi-as eu também a olho nu, pois, de outro modo, não teria visto a Via Láctea, e não teria tomado consciência desta; por conseguinte, eu tive representações obscuras das estrelas. Sobre as representações obscuras, nota-se em geral o seguinte:

1. A alma humana age *em grande parte* na obscuridade
2. o seu maior tesouro em conhecimentos reside na obscuridade;

por exemplo, quando um homem lê, a alma dá atenção às letras, pois ela soletra, pois ela lê, pois ela dá atenção àquilo que lê. De tudo isto, não está consciente o homem. Um músico que fantasia, tem de aplicar a sua reflexão a cada dedo que usa, ao tocar da música, àquilo que quer tocar, e ao que de novo ele quer produzir. Se não o fizesse, ele tão-pouco poderia tocar, mas disto não está ele consciente. Aqui, há que admirar a concisão da alma, pois que ela se faz reflectir em todos os dedos, naquilo que é tocado, e também no que se quer tocar no momento. Tudo isto ocorre em representações obscuras. Observar isto é um grande ofício dos filósofos.

O maior tesouro da alma reside na obscuridade. Uma grande parte dos pensamentos filosóficos está já preparada na escuridão. Os juízos que nascem de representações obscuras, temos de os explicar e *renovar*. Por exemplo, por que razão antes se tolera um [homem] que tudo procura acumular para depois o esbanjar, do que um homem mesquinho

e avaro, embora o mesquinho nada faça de injusto; e ainda que ele viva em função da sua avareza, o que nos leva a censurar tal mesquinhez e cupidez? Onde reside a causa para isto? Tem de haver uma, pois esta é universal: as razões [para isto] têm porém de confluir na razão. A causa é: ele coloca o uso dos bens, [480] tanto quanto lhe é possível, fora da humanidade. O que é ajuizado universalmente mediante o são entendimento não deve ser tomado por absurdo, por não ter fundamento; o fundamento está na razão, pois, de outro modo, os homens não poderiam ajuizar universalmente. Contudo, o fundamento está ainda na obscuridade, e esse, há que tentar *indicá-lo*. Por exemplo, um homem ébrio é mais tolerável do que uma mulher ébria, todos assim ajuizam; qual é o fundamento disto? A mulher está sujeita ao ataque. Porque se dá ao estranho o lado direito? A mão direita é solícita, por conseguinte deixamos-lhe esta livre. Por que razão colocamos o mais importante de três no meio? Porque, nesse caso, ele pode falar para ambos os lados. Tudo isto reside na razão, apenas não estávamos disto conscientes. Aliás, há ciências desta espécie, e uma dessas é a filosofia analítica, onde se faz *luz* mediante desenvolvimento de representações obscuras. O mesmo acontece na moral mediante esclarecimento da virtude; aí há que *trazer* um homem aos seus próprios pensamentos, pois o conceito de virtude reside já nele. Sócrates diz: ele era a parteira dos pensamentos do seu auditório.

Se, de uma só vez, pudesse tornar-me consciente de todas as representações obscuras, então, muito *teria* de me admirar a respeito de mim próprio. Por conseguinte, também o que está na minha memória é obscuro, e eu não estou disto consciente. O que já alguma vez esteve no ânimo do homem, isso ele não mais o perde, apenas *está* nele obscuro, e ele precisa de meios para *extrair* isso da obscuridade. Em muitos homens, isto afigura-se difícil. Por isso, se se tem de contar algo, não se sabe nada; mas se se houvesse de contar tudo o que se sabe, poder-se-ia escrever um volume sobre uma matéria. O entendimento é levado em erro por representações obscuras, e daí nascem escrúpulos.

Apraz-nos deixar o nosso ânimo passear no escuro, o que é comprovado por modos de falar dissimulados e adornados. [481] Qualquer obscuridade que é subitamente esclarecida, causa agradabilidade, e deleita muito, e nisso consiste a arte de um autor, em esconder os seus pensamentos de tal modo que o leitor possa resolvê-los por si mesmo – a isso pertencem os gracejos e os assomos [Einfälle]. O claro, porém, logo emudece. Só que nós não apenas jogamos com tais obscuras representações, mas nós próprios somos também um jogo das representações obscuras.

[...]

Todo o assomo [Einfall] que é no início um enigma, ao qual porém logo após sucede a resolução, é também uma tradução e um circunlóquio no ânimo, e o ânimo alegra-se por ter resolvido uma dificuldade. Assim, ocorre no ânimo o mesmo que nas caixas ópticas. A arte para assim obscurecer, de tal modo que o outro o possa perscrutar, exige muito engenho e pertence à modéstia e às boas maneiras, que têm de ser adquiridas.

Às representações obscuras pertencem também ainda os juízos prévios [vorläufige Urtheile]. Antes de proferir um juízo que é determinado, o homem profere já na obscuridade um juízo prévio. Este guia-o a procurar por algo. Por exemplo, quem procura terras desconhecidas, não se faz imediatamente ao mar, mas ajuíza previamente. Por conseguinte, qualquer juízo determinado tem um juízo prévio. Por isso é muito importante, o estudo do ânimo com respeito ao secreto procedimento da alma dos homens. Por outro lado, notamos também que o homem é ele próprio um jogo da obscuridade. [482] Amamos muito a obscuridade, e temos inclinação para a superstição, profecias e coisas místicas, pois tudo isto cria no ânimo maior expectativa do que depois é, quando o vemos à luz. Tal como no crepúsculo tudo parece maior do que à luz, também a obscuridade causa grandes expectativas.

## II.

### «DAS REPRESENTAÇÕES OBSCURAS, DAS QUAIS NÃO SE ESTÁ CONSCIENTE»

**Immanuel KANT**

*Lições de Antropologia. Menschenkunde. 1781/82*

[AA 25.2: 867-871]

[867] Na filosofia, deram-se já disputas [a fim de saber] se há representações obscuras, das quais em lugar algum estamos conscientes. Vários filósofos dizem que as representações obscuras são de tal espécie, que não sabemos que as temos; mas como podemos afirmar que sabemos algo de representações de que somos inconscientes? *Locke diz, mas incorrectamente, que é porque de facto as conhecemos.* Enquanto elas forem obscuras, não somos delas conscientes; elas residem na sensação imediata, mas mediante deduções podemos porém aferir que elas existem; por exemplo, vemos no firmamento a via láctea; os Antigos viam-na, e diziam que era [868] *leite espargido pela deusa, e outras coisas semelhantes.* O telescópio mostra-nos agora que é o reflexo de muitas pequenas estrelas; e portanto, também os Antigos viram estas pequenas estrelas; pois, de outro modo, eles tão-pouco teriam visto a Via Láctea, com a excepção de que não viam ainda cada estrela individualmente, mas apenas o reflexo das mesmas; por conseguinte, a representação obscura das estrelas residia já nos Antigos, pois isto, podiam eles deduzi-lo. Podemos comparar a alma humana com um grande mapa, no qual uma grande quantidade de locais não estão iluminados, e poucos estão iluminados. O não-iluminado é o campo das representações obscuras, os poucos lugares iluminados constituem as representações claras, e entre as representações claras algumas sobressaem mediante a sua própria luz: estas são as representações distintas. As representações obscuras constituem a maior parte das representações humanas, e se um homem pudesse tornar-se consciente de todas as

representações que residem realmente no seu ânimo, as quais porém só ocasionalmente emergem, ele tomar-se-ia por uma espécie de divindade, e quedar-se-ia espantado perante o seu próprio espírito; pois ele não tem nenhum conceito de um *ser* de tão colossal conhecimento, quanto o que ele próprio tem. Um homem que tenha lido muito, e a quem seja pedido que conte algo, bem poderá responder que não sabe nada. Mas se lhe for dado começar a partir de um assunto, ele logo saberá contar isto ou aquilo. Se se considerar as muitas coisas a que ele pode ser trazido para que imediatamente verse línguas, histórias, ciências, etc., e se ele pudesse tornar-se consciente de tudo isto de uma só vez, isto é um todo tão colossal, que ele próprio ficaria espantado. Há muitas representações de que não mais nos tornaríamos conscientes na nossa vida, se não surgisse uma ocasião que nos relembrasse daquilo que antes esteve já em embrião em nós. Nenhum microscópio me pode mostrar mais de um objecto, do que o meu olho nu viu. O pequeno verme, vemo-lo amiúde como um grão de pó; mediante um microscópio vejo também cabeça, pés, anéis, e outros que tais. Tudo isto já estava lá antes, mas apenas numa representação obscura; pois, se eu não tivesse visto cabeça, pés, e outras coisas que tais, não teria visto rigorosamente nada; os mesmos raios de luz que atravessaram o vidro, esses atravessaram previamente o meu olho, com a excepção de que no vidro foram ampliados, embora estivessem também no olho. O mesmo acontece também com o telescópio; aí [869], nada de novo é descoberto, antes as representações obscuras são trazidas à claridade. Tudo o que o microscópio e o telescópio ainda virão a descobrir, está já contido na representação obscura do homem, e é a claridade que separa as representações umas das outras, e torna maior a consciência. Por conseguinte, não é um incremento de conhecimentos, aquilo de que se toma consciência, mas sim e apenas uma distinção dos mesmos. E se de uma vez se tomasse consciência de tudo o que foi descoberto mediante o microscópio, e dos objectos que mediante ele nunca virão a ser descobertos, isto seria uma colossal quantidade de coisas.

Por um lado, somos o jogo de representações obscuras, por outro lado, jogamos com representações obscuras. Somos o jogo de representações obscuras, isto é, representações obscuras produzem no homem um efeito onde ele apenas pode tornar claro o seu juízo, e comunicá-lo a outros; mas a fonte do juízo, ele não a conhece, ela reside na representação obscura. Os nossos ditos sentimentos (pois, segundo a linguagem da moda, há que ter sentimentos morais de ética, honra, etc.; mas como podemos sentir honra?) não são mais do que o fundamento desconhecido em nós, que por certo está em nós, mas que não podemos desenvolver, mediante o qual sucede que juízos sobre nós tanto nos cativem. Em tais sentimentos, há razões porque os vemos como um objecto importante, [a saber], que o juízo de outros sobre nós esteja *correcto*. A filosofia procura descobrir tais representações obscuras; por exemplo, diz-se que um homem que foi gravemente ofendido age mais correctamente se se vingar, do que se se queixar junto de um juiz. Aqui está uma representação obscura, [a saber], que há casos de tal espécie que não se prestam ao tribunal público, talvez porque meras opiniões, ofensas, injúrias, etc., não são propriedades que eu possa descrever ao juiz. Aqui, parece pois exigir-se que elas pertençam à vingança privada,

ainda que a razão as rejeite. Que razão pode o ânimo ter para desejar a vingança privada? Com efeito, achar-se-ia que isto está em conexão com a justiça pública, mas isto é difícil de averiguar. Uma causa talvez seja que se pense que os homens têm de [870] defender o seu valor pessoal. Mas isto é difícil de aquilatar, e o esclarecimento de tais representações obscuras mediante a filosofia exige muita perspicácia.

Deplora-se um homem que morreu jovem, sem se considerar se a razão não diz que a morte não é de contar entre os males, antes é o fim de todos os males. Por conseguinte, um morto não pode ser deplorado, e todavia as pessoas choram quando vêem sepultar sangue tão jovem (como é hábito dizer-se). Isto dá-se porque as nossas representações obscuras deambulam [com o morto] para a sepultura, e ainda que seja *absurdo* crer que a solidão na sepultura fará mal ao morto, porém, as nossas representações obscuras não podem desprender-se disto. O horror perante a morte é uma destas *representações obscuras*, pois embora se possa dizer que a um homem idoso, os pensamentos sobre a morte teriam de ser indiferentes, contudo, não obstante odas as considerações da razão, não se pode afirmar que, mesmo na sepultura, a ideia de sensação do corpo nele cesse. E este é, por conseguinte, um curso das representações obscuras. Eu subo a uma torre; subitamente, toma-me um tal calafrio, que eu não logro suste-me num corrimão bem seguro. Aqui, a representação obscura processa-se do seguinte modo: ao nos debruçarmos na torre, surge a imaginação e expõe os possíveis casos de queda. Ora, a razão refuta isto, mas o ofício da faculdade de imaginação não é totalmente contrariado pela razão, e portanto estamos sempre no temor e na refutação do mesmo. Por conseguinte, poder-se-ia dizer que o temor da morte é, na maioria dos homens, justamente o mesmo que o temor dos homens na torre.

Representações obscuras são aquilo que num homem mais, no outro menos *loucuras* produz. O homem é racional, desde que logre elevar-se sobre a influência das representações obscuras; mas logo que estas começam a martirizar o hipocondríaco, ele torna-se *absurdo*. Nem sempre estou em poder das representações obscuras; pois, de outro modo, toda a invenção humana teria de ser feita também mediante representações obscuras – algo de que residiriam em mim o pressentimento e a premonição. Mas quando o homem começa a expandir o conhecimento, e sabe em que lugar deve procurar a verdade [871], logo surge um ensejo mediante o qual o que nele residia no escuro é transposto em claridade.

As representações obscuras são amiúde mais correctas do que as artificiosas, as quais introduzimos antes de conhecermos as outras, e desaparecem logo que pesquisemos as representações obscuras; por exemplo, se o filósofo quer indicar a razão porque o respeito pelo direito de outro tem de oprimir em nós todos os impulsos do interesse próprio, ele não pode dar-se por satisfeito mediante a razão. Por outro lado, vemos que o moralista mais não tem de fazer senão pesquisar nas profundezas do entendimento humano, a fim de transformar as representações obscuras em claras, [ou], como dizia Sócrates, que ele era a parteira dos seus ouvintes, isto é, mediante a sua instrução, ele procurava trazer à claridade os princípios que residiam na escuridão. O desenvolvimento das representações obscuras em todos os nossos juízos é, propriamente dita, a filosofia

analítica. Na física, apenas podemos adquirir conhecimentos de coisas das quais não temos nenhuma representação obscura, mas sim uma representação distinta; mas na moral não é assim: aí temos de extrair tudo a partir do nosso próprio ânimo; por exemplo, quando a questão é se se deve mentir, ou se mentiras inocentes são válidas, aí se diz que não se deve de todo mentir, pois, logo que mente, qualquer homem ofende a sua honra; ora, é difícil descobrir a razão deste juízo, [a saber], o porquê de a maior vantagem não dever mover-me para mentir. Desenvolver estas razões obscuras é o ofício do filósofo, mediante o que não raras vezes admiramos a excelência da multifacetada disposição do homem. Os germes dos nossos pensamentos residem apenas em nós próprios, e este é o verdadeiro tesouro da alma humana; aquilo que até hoje foi desenvolvido, é infinitamente pouco em relação àquilo que se poderia ainda desenvolver. Por conseguinte, todos os metafísicos, moralistas, têm de contribuir para o esclarecimento das representações obscuras nos homens, pois trata-se aí dos conceitos dos homens, que elas trazem em si.

[...]

### III.

## «3º CAPÍTULO. DAS REPRESENTAÇÕES»

**Immanuel KANT**

*Lições de Antropologia. Mrongovius. 1784/85*

[AA, 25.2: 1221-1224]

[1221] Transitamos agora da consciência subjectiva do nosso Si para a consciência objectiva de outros objectos.

Temos das coisas ou representações claras, ou obscuras.

Queremos considerar aqui um pouco as representações obscuras. Eu não sou consciente das minhas representações obscuras; mas então, de onde sei que as tenho? Imediatamente não as conheço, e no entanto, posso deduzir a partir dos seus efeitos que tenho de as ter; por exemplo, por certo não consigo ver o ar, mas, a partir dos seus efeitos, deduzo que ele tem de existir. Assim explicaram os Antigos o brilho da Via Láctea como a luz de um conjunto de estrelas, embora, à falta de telescópios, eles não pudessem ver estas estrelas. <Sem pensar, um músico não produziria nenhuma harmonia>.

A alma humana ocupa-se sobremaneira com representações obscuras, e estas são também o fundamento para as representações claras, e para todas as descobertas e invenções. Elas desempenham um tão importante papel nas acções da alma humana, que se um homem pudesse de uma vez tornar-se consciente de todas estas representações, ele quedar-se-ia espantado perante a provisão das mesmas; só que a faculdade de reprodução destas representações é tão restrita, que elas só vêm [à luz do] dia isoladamente, e em

certas ocasiões. Quando recordamos uma coisa, extraímos a representação obscura na coisa, e tornamo-la clara; daí que um homem que muito tenha visto e lido possa não contar nada, e quedar-se mudo quando a isso é exortado. Mas se ele for trazido a uma matéria, ele logo saberá falar sobre esta. Isto dá-se porque ele tem na sua alma uma tal quantidade de representações obscuras, que não logra escolher imediatamente nenhuma destas. Acontece-lhe o mesmo, como se estivesse perante uma floresta, e não conseguisse ver as árvores. Pode-se representar a alma humana como um mapa cujas partes iluminadas dizem respeito às representações claras, certas outras, especialmente claras, às representações distintas, e as partes não-iluminadas dizem respeito às representações obscuras; estas ocupam o maior espaço, e estão também como fundamento das claras, constituindo a maior porção do nosso conhecimento.

Na filosofia analítica, apenas torno claras as representações [1222] obscuras na alma. Pois todas as proposições da filosofia são consabidas, mas apenas em representações obscuras que são tornadas claras e distintas mediante a filosofia, de tal modo que [todos] se tornam conscientes das mesmas e, por assim dizer, delas se recordam, na medida em que sentem que estas são as mesmas proposições de que previamente, embora indistintamente, tomaram consciência. Por exemplo, se eu falar de direito a alguém que não é nenhum erudito em direito, ele conceder-me-à [que fale] até ao ponto que lhe pareça que também ele previamente conhecia; mas não tomará por direito, aquilo de que se recorda também assim ter pensado ou aventado. –Na maioria das invenções, estavam previamente como fundamento representações obscuras. Os conhecimentos humanos podem ser vistos como um grande mapa onde apenas poucos pontos estão iluminados.

Por conseguinte, a alma não raras vezes trabalha em representações obscuras, e muito tempo passa até que elas sejam tornadas claras. Daí que Sócrates diga, e *com razão*: eu não sou o professor dos meus ouvintes, apenas a parteira dos seus pensamentos. Pois tal como, aquando do nascimento de uma criança, a parteira a traz à luz, também o filósofo traz à luz as representações obscuras dos seus ouvintes, e torna-as claras. Aqui, há que fazer notar 2 coisas:

α.) 1. O homem é amiúde um jogo de representações obscuras, na medida em que, contra o seu propósito e contra a voz da razão, ele deixa que representações obscuras o tragam a uma coisa, ou o detenham desta. Por exemplo, quando tenho de passar sobre um lugar algo perigoso, por exemplo, água sobre a qual uma tábua esteja suspensa, e vejo muitas pessoas a atravessar a mesma, o meu entendimento diz-me que, por experimentada circunspeção, também eu posso atravessar sem perigo; porém, algumas representações obscuras agitar-se-ão em nós, as quais nos impedem de atravessar. Aliás, muitos que caíram em tais locais perigosos tiveram também tais representações obscuras, como se sempre fossem cair, e assim, experienciaram por fim a vertigem, e caíram deveras. Por isso é que muitos temem a morte, ainda que a sua vida lhes não seja de todo cara.

Assim, deploramos um morto, quando porém o nosso entendimento nos diz que antes deveríamos alegrar-nos com isso, pois ele transita para uma vida mais feliz. Mas a representação obscura da estada [1223] na sepultura é-nos porém adversa, daí que muitas pessoas se façam sepultar em montes, sob árvores, e < não em [terrenos] húmidos, pois



pensam que se constipam>, ainda que o entendimento lhes diga que é indiferente onde o seu corpo jaz. Mas eles têm representações obscuras de que, não obstante, ali poderá ser melhor do que em outro local, como se lograssem ver o agradável até mesmo na morte, e com isso pudessem deleitar-se. Do mesmo modo, qualquer um, por muito pobre que seja, procura juntar dinheiro pelo menos para um enterro digno.

Expressões usadas em gracejos insípidos – perdem assim a sua beleza e dignidade – <O cúpido vê o comprazimento por detrás disto.>

Segundo Buffon, o especial gosto do amor depende do [facto] de que a primeira pessoa que o homem vê ao atingir a idade adulta, essa torna-se o nosso original. Se uma outra lhe for algo semelhante; mesmo que isto seja um erro, a nossa imaginação adiciona ao original o resto em representações obscuras, e a pessoa torna-se assim amável, ainda que o não seja.

β., 2. Ao contrário, o homem joga também com representações obscuras o seu jogo. Assim, todo o tropo e toda a figura, por exemplo, são um atalho, na medida em que subitamente se torna clara uma representação obscura, e nisso consiste o agradável dos mesmos. Todo o assomo engenhoso [witzige Einfall] tem de ser inicialmente obscuro, e subitamente tornar-se claro; de outro modo, ele é sem gosto. A natureza tem certos mistérios que sempre quer ver encobertos mediante representações obscuras; por exemplo, as carências naturais, e a diferença dos sexos. Estas parecem estar aquém da dignidade dos homens, pois nisto eles coincidem com os animais. Por isso, falamos nestas coisas sempre em representações obscuras, e quanto mais obscuras, tanto melhores e mais agradáveis elas são; mas se se falar disto de tal modo que qualquer um o veja sem a mínima ambiguidade; então, isto é tomado por grosseria. Daí que se veja que o homem tem, por assim dizer, uma arte para obscurecer, cujas representações obscuras são tanto mais agradáveis quanto mais obscuras, e quanto mais subitamente elas se tornam claras.

Há agora um modo de escrever rico em pensamentos <misteriosos>, no qual se encontram representações obscuras – isto é um artifício dos escritores, que querem veicular ao público a ideia de que por *detrás* dos seus [1224] escritos se esconde muita sabedoria. Pois as representações obscuras têm isso em si, que parecem conter mais do que realmente contêm.

